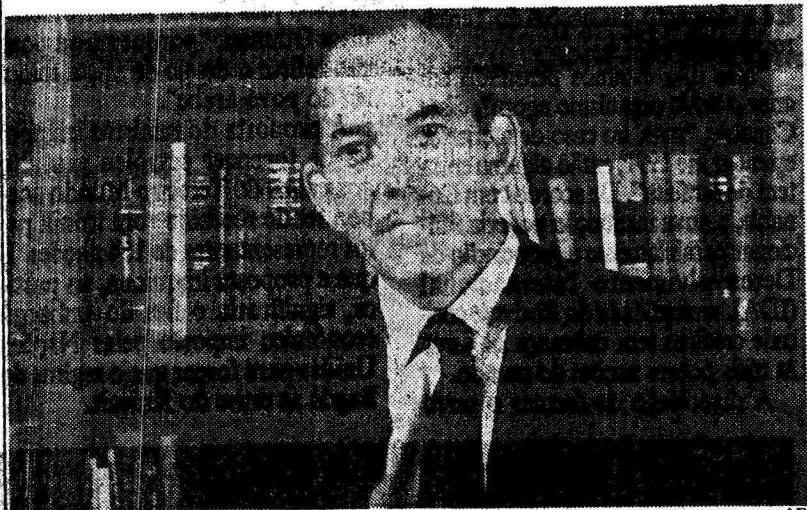




Camdessus: alerta para os riscos dos círculos viciosos

AE

Camdessus recomenda pragmatismo a devedores

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, encerrou ontem a reunião anual da organização recomendando "pragmatismo" aos países membros nas negociações com os bancos. "Está cristalino que quando os países entram com determinação num programa (de estabilização) e demonstram determinação e pragmatismo nas negociações com os bancos comerciais, os acordos são possíveis e a mensagem que o acordo representa contribui para o sucesso do programa", afirmou o diretor do Fundo, numa entrevista coletiva.

Embora Camdessus não se tenha referido a nenhum país em particular, é o Brasil que ele parecia ter em frente ao alertar para os riscos dos "círculos viciosos" que se criam quando as negociações ficam estagnadas.

O diretor do Fundo assumiu um risco político considerável ao acatar a carta de intenções brasileira, três semanas atrás, sem nenhuma condição explícita, e acabou vendo-se numa situação politicamente delicada quando o Grupo dos Sete bloqueou o caminho da aprovação do programa, no domingo passado, vinculando o apoio do Fundo à "resolução do problema dos juros atrasados aos bancos". Os países do Grupo dos Sete, Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e o Cana-

no Fundo e são, na prática, os patrões de Camdessus.

A primeira versão da menção ao Brasil no comunicado do G-7 era ainda mais dura do que a que foi aprovada, disse ao Estado uma fonte de um dos países do grupo. Ela estabelecia claramente a sequência em que as coisas deveriam acontecer, fixando a retomada dos pagamentos como condição prévia para a aprovação do programa brasileiro com o Fundo.

A resolução do problema, que depende do rumo que tomarem as negociações entre o governo e os bancos, dentro de duas semanas, será importante para confirmar o quadro favorável que Camdessus pintou ontem ao falar das perspectivas de médio prazo da América Latina. Apesar da crise do petróleo, cujos efeitos ele qualificou de "administráveis", o diretor do Fundo previu que se os governos da região persistirem nas políticas de ajustamento, no período 1992-1995, a América Latina retomará taxas de crescimento "semelhantes às dos países da Ásia, da ordem de 5%".

Justificando seu comedido otimismo, Camdessus citou as projeções do Fundo sobre a queda da inflação anual média que deverá ocorrer no continente entre este ano (mais de 600%) e 1991 (30%). E provocou gargalhadas na plateia de mais de trezentos jornalistas ao observar que "se o Peru já conseguiu derrubar uma inflação de mais de 2 milhões por cento para 5% em dois meses, por conta própria, tenham certeza que os outros países da re-